

# PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS: A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

PEDAGOGY AND EDUCATION IN MUSEUMS: THE IMPORTANCE OF PEDAGOGICAL PRACTICES BEYOND THE SCHOOL WALLS

Camilla Estevam Dantas Gomes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

camillaestevamgomes@gmail.com | orcid.org/0000-0003-4370-9717

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir a importância das práticas educativas desenvolvidas *para além dos muros da escola*, especialmente, aquelas realizadas em museus. Desse modo, pretende-se apresentar ao longo do texto algumas considerações acerca das questões que envolvem as instituições museais e os aspectos históricos de seu caráter educativo, realizar apontamentos a respeito da importância da presença de pedagogos em museus e, por fim, elaborar reflexões a partir da minha vivência enquanto educadora nessas instituições e o impacto que tais experiências causaram no meu fazer docente fora desses espaços e *dentro dos muros da escola*.

**Palavras-chave:** Museu; Pedagogia; Educação não formal.

PEDAGOGY AND EDUCATION IN MUSEUMS: THE IMPORTANCE OF PEDAGOGICAL PRACTICES BEYOND THE SCHOOL WALLS

## Abstract

This article aims to discuss the importance of educational practices developed beyond the walls of the school, especially those carried out in museums. Thus, throughout the text, the intention is to present some considerations about the issues that involve museum institutions and the historical aspects of their educational character, to make notes about the importance of the presence of pedagogues in museums and, finally, to elaborate reflections on from my experience as an educator in these institutions and the impact that such experiences had on my teaching work outside these spaces and within the walls of the school.

**Keywords:** Museum; Pedagogy; Non-formal education.

## Introdução

O presente artigo se apresenta, primeiramente, com o propósito de analisar, ainda que de maneira breve, a importância das práticas educativas

A R T I G O



desenvolvidas *para além dos muros da escola*, mais precisamente, em museus. Porém, antes de adentrar nas questões que envolvem a relação e a necessidade de uma reflexão acerca das práticas pedagógicas e a educação museal, é fundamental que a autora se apresente enquanto sujeito que se constituiu intelectual, educadora e professora a partir das telas, instalações e performances artísticas.

Quando escolhi cursar Pedagogia me perguntei: o que uma pedagoga faz? Talvez os estudantes que pretendem cursar Medicina, Engenharia, Direito ou Matemática não se perguntem o que farão depois da formatura já que é sabido que os médicos podem salvar vidas, os engenheiros podem construir lares, os advogados defendem ou acusam réus e vítimas e os matemáticos aprendem e ensinam a somar, dividir e multiplicar, mas eu de fato, não sabia qual era a função de uma pedagoga dentro ou fora das escolas.

Minhas memórias escolares registravam uma imagem, no mínimo, equivocada dos pedagogos. Naquele momento – mais precisamente, no ano de 2009 – quando a universidade era o projeto da vida, eu pensava sobre tudo aquilo que eu não me via fazendo. Não me via sendo bióloga, arquiteta, socióloga ou qualquer outra coisa, não me via professora, mas achava que ser pedagoga poderia ser uma boa opção, mas eu não queria ser aquela que vigiava os uniformes, os comprimentos das saias e das blusas, a cor dos tênis, que disciplina os corpos dos alunos, eu desejava fazer diferente.

Assim, ao iniciar a graduação em Pedagogia na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, no ano de 2010, me deparei com um mundo de possibilidades, de autores, autoras e perspectivas que me fizeram desejar conhecer mais sobre a história da Educação, as raízes epistemológicas do campo, enfim, mergulhar naquele que seria meu ofício. Cabe destacar que aqui me preocupo em contar um pouco da minha construção profissional e pessoal, mas também gostaria de problematizar que nós, filhos das classes trabalhadoras, costumamos pensar na formação para o emprego, na carteira de trabalho assinada e na sobrevivência.

No meu caso, faço parte de uma geração que via no ensino superior a esperança da ascensão social, econômica e intelectual. Dessa maneira, minha trajetória acadêmica ganhou impulso com minha inserção como bolsista de iniciação científica na área de História da Educação, em seguida, passei a atuar em um projeto de Iniciação à Docência e, posteriormente, iniciei minha carreira no setor educativo de museus e centros culturais.

Agora, que apresentei um pouco do meu percurso acadêmico, retomarei o ponto de partida para a construção deste artigo. Ele se apresenta como desdobramento do trabalho de monografia de conclusão curso de Pedagogia e como fruto das minhas vivências como educadora em museus e centros culturais, além de abordar com minhas experiências nesses espaços acabaram fazendo parte da minha docência *dentro dos muros da escola*.

## **1. Fazer educação em museus: dos gabinetes de curiosidades aos museus de arte**

Como salientei ainda na introdução, o ofício de bolsista, ainda nos primeiros períodos do curso de Pedagogia, viabilizou a minha aproximação e o desejo de me tornar pesquisadora no campo da História da Educação e seguir a carreira acadêmica. Assim, a partir no ano de 2015, quando concluí a graduação, ingressei no Mestrado em Educação<sup>1</sup> – concluído no ano de 2019, na Universidade Federal Fluminense – e, atualmente, curso Doutorado em Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Essa formação voltada para a pesquisa, iniciada ainda durante a graduação, foi salutar para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de monografia, cujo objetivo era analisar as ações educativas de uma instituição onde fui estagiária por quase um ano. Porém, os anos passaram e minhas experiências enquanto pedagoga, foram sendo ampliadas dentro e fora dos muros da escola.

---

<sup>1</sup> Dissertação de mestrado intitulada *“Instruam o operário”*: Projetos, disputas e demandas por instrução para trabalhadores na imprensa do Engenho de Dentro (1890-1905) (GOMES, 2019).

Desse modo, nesta seção pretendo esmiuçar, de maneira breve – já que tem algum tempo que estou afastada dos museus – o caráter educativo de instituições museais, considerando os apontamentos propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2012) que reivindica que esses espaços se apresentam com o intuito de preservar, estudar e expor ao público grupos de objetos e elementos de valor cultural. Assim, aqui compreendo que os processos educativos não se encontram restritos ao ambiente escolar tampouco a uma sala de aula, eles se dão em espaços distintos e de maneiras variadas.

E, não por acaso, a proposta de aliar os museus à educação não foi inaugurada por nós e nem é uma coisa tão recente que possa ser observada como uma invenção contemporânea, ela surgiu no Museu Nacional<sup>2</sup>, nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Sily (2012) essas práticas de ensino e educação popular desenvolvidas em museus teriam sido disseminadas na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX e foram postas em prática no Brasil na instituição que se apresentava como um centro de ciências.

Antes de adentrar no caráter histórico é importante conhecermos o processo que desencadeou o surgimento dos museus. O desenvolvimento dos espaços de guarda da memória é anterior à noção de museu proposta pela UNESCO, que se deu na Europa, ainda no século XVIII, a partir dos gabinetes de curiosidades. Conforme destaca Sily (2012), esses estabelecimentos são inaugurados a partir da prática de organizar coleções sobre o exótico, com objetos trazidos de terras longínquas, que, geralmente, se tratavam de colônias pertencentes aos impérios europeus e esses artigos eram reunidos pelos colonizadores para que esses pudessem conhecer, explorar e exercer maior domínio sobre esses territórios.

---

<sup>2</sup> O Museu Nacional foi inaugurado ainda no século XIX, como um centro de ciências e estudos, onde seriam propagados conhecimentos sobre estudos naturais, visando benefícios para comércio, indústria e artes e seu acervo só foi estendido ao público, três anos após sua inauguração, em 1821. Com o intuito de propagar conhecimentos ali produzidos, foram criadas estratégias variadas para a difusão das pesquisas desenvolvidas pela instituição que se apresentavam desde conferências públicas, exposições nacionais e internacionais, visitas para o público, até a produção de materiais didáticos de História Natural para serem utilizados em estabelecimentos em todo o Brasil (SILY, 2012).

Assim, os gabinetes de curiosidade foram os precursores da noção de museu moderno, tendo, *a priori*, caráter particular e intenção de guardar aquilo que vinha sendo encontrado nas expedições capitaneadas pelos colonizadores e as “novidades” eram expostas a um público restrito que vislumbrava contemplar aquilo que era trazido das colônias tão distantes. Aqui não pretendo aprofundar as discussões acerca daquilo que foi subtraído após as invasões de territórios, a noção do que era compreendido como algo excêntrico, mas sim apontar para o surgimento das instituições que, posteriormente, dariam origem aos museus e o processo de desenvolvimento de suas possibilidades pedagógicas.

Nesse tocante, as discussões sobre a possibilidade dos museus serem utilizados como espaços educativos surgiram na Europa a partir dos aspectos sociais que faziam parte do cotidiano do continente que naquele momento, mais precisamente entre os séculos XVII e XVIII, se encontravam imbuídos pelos ideais iluministas que vislumbravam divulgar informações e conhecimento para o povo de maneira ampla.

Sobre esse aspecto, Castro (2013, p. 63) reitera que os museus se institucionalizaram como espaços de formação humanística, democrático e aberto ao povo a partir da Comuna de Paris, em 1871, e “sua proposta de integrar artes, cultura e educação em uma formação integral do homem”. Porém, só a partir da Revolução Russa, já em 1917, que, além dos museus, as bibliotecas foram abertas com o intuito de viabilizar o desenvolvimento intelectual e político da população. No caso dos museus brasileiros, os aspectos cientificistas dessas instituições, oriundos do Império, se mantiveram até as últimas décadas do século XIX quando estes espaços passaram a se preocupar com o seu papel no que diz respeito à difusão do conhecimento científico e, assim, começaram a discutir e a se preocupar com as possibilidades de se *fazer educação* ali.

Nesse sentido, é fundamental destacar que naquele período, o território nacional vivia um momento de efervescência devido à abolição da escravidão e proclamação da República e estava experimentando um intenso processo de

ampliação do número de estabelecimentos de ensino em diferentes regiões da cidade. Logo, os museus poderiam ser mais um espaço destinado à instrução da população que ansiava se formar moral e intelectualmente.

A partir do momento em que o papel dos museus é ampliado, eles perdem seu caráter particular, como tinham em sua origem, a partir dos gabinetes de curiosidades, e passam a se apresentar como espaço voltado ao público. Conforme destaca Valente (2003), os acervos dessas instituições também sofreram mudanças e as coleções populares começaram a ocupar maior destaque nesses espaços e passaram promover comunicação e interesse do público que antes não frequentava aqueles as instituições museais, logo, sua função educativa foi sendo reconhecida não somente pelos visitantes, mas também pelo governo.

Agora que já conhecemos alguns aspectos históricos acerca do surgimento dos museus e as mudanças pelas quais eles passaram ao longo de sua história, vamos avançar para o ponto que me trouxe até a presente publicação: museu é lugar de educação? Nas linhas a seguir conversaremos um pouco mais sobre essa questão e sobre o papel dos pedagogos para além das salas de aula.

## **2. Museu é lugar de educação?**

Para uma pedagoga que já trabalhou em museus e centros culturais a resposta para a indagação sobre a viabilidade de práticas educativas fora do ambiente escolar pode parecer óbvia, porém, para estudantes que acabaram de ingressar no curso de graduação em Pedagogia, talvez seja mais difícil respondê-la.

Ainda que pareça difícil, já que acabamos focando mais no ofício pedagógico dentro das escolas, é possível fazer educação fora dos muros da escola e não somente em museus, mas em muitos outros lugares. De acordo com Moura (2005), Asensio e Pol (2003) e Vasconcellos (2013), as práticas educativas podem ser compreendidas como formais, informais e não formais,

sendo importante evidenciar que todas são entendidas como importantes espaços para a formação de sujeitos.

Coadunando com a perspectiva apresentada pelos autores compreendo como educação não formal aquela que acontece em espaços que favorecem a fruição cultural, desenvolvimento de conteúdos e lúdicos, além de não se dar, necessariamente, dentro de um sistema oficial de ensino. No caso da educação informal seria aquela realizada no âmbito familiar, dentro de casa, onde os ensinamentos que acontecem e situações e espaços difusos enquanto a educação formal se dá principalmente nas instituições escolares.

Assim, a partir desses apontamentos, as práticas educativas desenvolvidas em museus podem ser classificadas como não formais, já que estas se desenvolvem em ambientes convenientes para a investigação cultural que levam os sujeitos a questionar e problematizar as relações entre presente, passado e futuro, desencadeando experiências diferenciadas e significativas possibilitando a comunicação entre o público e as obras. Desse modo, os museus se apresentam como lugar de encontro e discussões que podem – e devem – atuar em paralelo com os espaços que viabilizam a educação formal e potencializar diversos conteúdos elaborados pelos alunos dentro ou fora do ambiente escolar.

Saraiva (2012), fundamentada no conceito de Nova Museologia, cunhado por Chagas (1999), salienta que os museus podem ser vistos como espaços dinâmicos e de produção de conhecimentos que se desenvolvem a partir de processos híbridos capazes de abarcar temáticas diversas que podem potencializar as práticas pedagógicas. Nesse sentido, é importante que nós, pedagogos e professores, façamos uso dos espaços culturais como locais de formação não somente para nossos alunos, mas também para nós mesmos.

Sobre isso, Leite (2012) afirma que sensibilizar o olhar e a escuta dos educadores contribui para que os profissionais se tornem sujeitos mais abertos e plurais, propiciando a noção de que os museus – assim como as escolas – são espaços de fazer educação. Além disso, essa interlocução possibilita a ampliação do acervo de criação desses profissionais, tornando sua prática mais

significativa e os museus passam a se apresentar como um lugar potente para discussões sobre diferentes assuntos e como importantes espaços para a construção de conhecimento.

Leite e Reddig (2007, p.36) reafirmam tal assertiva quando apontam que os museus são lugares onde “[...] identidades culturais pode[m] ser identificadas, reconhecidas, onde a produção da diferença se evidencia sem que o “outro” seja o diferente”. Desse modo, a atmosfera museal se torna um espaço receptivo para docentes e discentes, não somente enquanto lugar de observação, mas de ação.

É fundamental compreendermos que a educação não se dá exclusivamente na escola e que a construção do conhecimento pode e deve extrapolar os limites das salas de aula. Chagas (2004, p. 145) reivindica que precisamos observar a educação “[...] como prática social e aberta à criação do novo, à eclosão de valores que podem nos habilitar para a alegria e a emoção de lidar com as diferenças” e, justamente por isso, acredito que nós, pedagogos, precisamos ocupar museus, centros culturais, enfim, precisamos ocupar todos os espaços onde se *faz educação*.

Justamente por isso iniciei essa sessão com uma indagação, para que juntos pudéssemos refletir sobre a importância dos museus enquanto esses são aliados ao trabalho pedagógico e também se tornam espaços receptivos para que pedagogos possam contribuir para a edificação de seus projetos educativos e integrar a equipe que pensa a educação dentro desses espaços.

### **3. O papel do pedagogo em espaços não escolares: a Pedagogia e os museus**

De acordo com Libâneo (2005, p. 30) a Pedagogia se configura como “[...] o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade”, sendo a educação um conglomerado de processos, influências e ações que interferem no processo do desenvolvimento humano individual. Assim sendo, o pedagogo, especialista no campo da Educação, está qualificado

para desempenhar seu ofício em diversos espaços educativos sejam eles caracterizados como formais ou não formais.

Nesse sentido, a função do pedagogo, conforme explicita o autor, se realiza a partir dos processos educativos dos sujeitos considerando seu desenvolvimento intelectual, cognitivo e social. Justamente por isso, é fundamental afirmar que ao reivindicar a presença de profissionais formados em Pedagogia dentro dos museus não buscamos escolarizar aqueles espaços, na verdade, nosso interesse encontra-se centrado na necessidade das atividades educativas transgredirem a normatização das instituições formais.

Kramer (1998), afirma que o campo da produção cultural é fértil para os educadores potencializarem a construção do saber, flexibilizar o conhecimento, além de potencializar os museus como lugar de cultura, tornando-o um espaço propício para *fazer educação* fora do ambiente escolar. Sendo assim, nesses espaços os pedagogos atuariam como educadores que se propõem a construir percepções acerca das obras considerando a criticidade e a criatividade de públicos diversos e em exposições variadas.

Ainda sobre esse aspecto, Reis e Pinheiro (2009) reivindicam que os museus são espaços de vida e não espaços de contemplação particular ou individualizados, eles são espaços de construção coletiva. As instituições museais se caracterizam como territórios de diálogo, relações humanas e experimentações que levam em conta os desejos e a imaginação dos indivíduos a fim de construir uma educação emancipatória e utilizar a arte como uma maneira de expressar o mundo.

Porém, esbarramos em alguns entraves para atuar enquanto pedagogos em museus. Nosso ofício, mesmo sendo complexo, acaba sendo exercido por diferentes profissionais que não necessariamente são formados em Pedagogia. Não afirmo somente a partir das minhas experiências em espaços culturais, mas também em instituições de ensino formal.

Se em museus nós, pedagogos, disputamos vagas com profissionais graduados em História da Arte, Museologia, Artes Visuais, dentre outras formações, nas escolas brigamos ferrenhamente com psicólogos e/ou

psicopedagogos pelas vagas que seriam dedicadas exclusivamente para a nossa categoria. Nos centros culturais e museus nos quais trabalhei, salvo raríssimas exceções, eu quase sempre era a única pedagoga na equipe de educadores e praticamente nenhum dos profissionais que ocuparam os cargos de orientação pedagógica tinham formação em Pedagogia.

No caso do campo das artes é oportuno e importante que profissionais especialistas nessa área componham o quadro de funcionário dos educativos e que trabalhem aliados aos demais. Mas como é possível ocupar espaços que nem sempre estão abertos ao olhar pedagógico mesmo quando já o utilizam no cotidiano desses espaços? Primeiramente, precisamos conhecer nossas possibilidades de atuação, os locais nos quais podemos atuar e quais funções estamos habilitados a ocupar; em seguida, precisamos estar dispostos a desenvolver propostas de trabalho aliadas aos demais colegas oriundos de outras áreas de formação.

Outro aspecto importante a ser destacado é que nosso processo de construção do conhecimento está sempre atravessado pelas nossas experiências de classe. Poderia relatar ao longo de incontáveis laudas quantas vezes me deparei com obras de artistas que nunca havia ouvido falar na vida e que eram figuras comuns para os outros colegas, mas me concentrei na minha primeira experiência enquanto educadora de museus e o meu processo de encantamento com o mundo da arte.

Desde o meu ingresso no Mestrado em Educação passei a reivindicar minha origem suburbana, tanto ao longo de minhas apresentações como ao longo da dissertação e vou explicar o motivo pelo qual estou falando sobre isso. Oriunda dos arredores da linha férrea, não era comum cruzar a linha férrea para ir até a cidade contemplar as ruas do Centro, não sabia a importância e a magnitude daqueles espaços para a vida cultural carioca, não sabia diferenciar arte contemporânea de arte moderna. Minhas experiências com o mundo da arte estavam restritas às telas que via nos livros didáticos e aos poucos passeios realizados pela escola.

A primeira vez que entrei em um museu no Centro do Rio de Janeiro eu estava no segundo ano da graduação em Pedagogia, já havia saído da adolescência, estava entrando na vida adulta e aquele universo encantador ainda era novidade na minha vida. Depois desse dia, passei a frequentar assiduamente museus e centros culturais na cidade e, com o tempo, aqueles espaços se tornaram bastante familiares e parte do meu cotidiano.

Quando iniciei meu estágio em um dos espaços culturais que se apresentou como uma espécie de retrato do projeto de transformação da região portuária do Rio de Janeiro<sup>3</sup> descobri a potência dos museus e a importância da educação naqueles espaços. Lá realizei muitas visitas às exposições com escolas, empresas, grupos que se formavam de maneira espontânea e nenhuma dessas experiências foram iguais, mesmo quando observávamos as mesmas obras, conversávamos sobre pautas parecidas.

E foi a partir dessa experiência que comecei a perceber que as práticas pedagógicas não eram realizadas exclusivamente nas escolas, elas estavam em espaços diversos e que o campo da arte era potente e precisava ser explorado de maneira mais ampla dentro e fora das escolas. Assim, concordo com Kramer (1998, p. 208) quando autora salienta que a “educação é um processo dinâmico e ininterrupto que não cabe mais num paradigma verticalizado de transmissão de saberes consagrados [...]” e que não podemos mais avaliar como conhecimento apenas aquilo que se encontra fixado no campo das ciências, devemos incorporar as dimensões artísticas e culturais que encontramos no campo da arte.

Por esses motivos, posso concluir e afirmar que um profissional formado em Pedagogia, que desenvolve seu ofício em museus, deve reivindicar que é possível fazer educação *fora dos muros da escola*. Considerando que as

---

<sup>3</sup> Popularmente conhecido como Porto Maravilha, o projeto foi “[...]a maior parceria público-privada da história do Brasil [...] foi uma das obras mais caras das últimas décadas, e sempre foi alvo de denúncias de esquemas de propina, mau uso do dinheiro público, falta de transparência, remoções forçadas e descumprimento da legislação ambiental”. In: Observatório das Metrôpoles. *Porto Maravilha: o fracasso de um projeto bilionário que excluiu os menos favorecidos*. (2017). Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/porto-maravilha-o-fracasso-de-um-projeto-bilionario-que-excluiu-os-menos-favorecidos/>

práticas educativas se encontram balizadas numa relação de troca para construir e promover conhecimento e a arte se apresenta como uma forma potente e sensível para analisarmos a sociedade onde estamos inseridos.

E, não por acaso, a minha experiência em museus acabou sendo aliada ao meu trabalho docente *dentro dos muros da escola*, pois, sempre que posso, lanço mão de algumas propostas e ações educativas que já foram realizadas por mim dentro das galerias de arte. Nesse sentido, coaduno com Kramer (1998) quando a autora afirma que quando os profissionais de educação experimentam diferentes espaços culturais, esse sujeito está formando seu olhar de maneira mais sensível.

Assim sendo, reafirmo que é fundamental espalharmos a semente das artes dentro das escolas, em nossas salas e por todos os espaços possíveis. Temos como dever reafirmar para nossos alunos que sim, eles podem ser artistas e que a arte é um terreno que todos podem desfrutar e fazer florescer.

#### 4. Conclusão

Escrever esse texto me fez lembrar todas as exposições nas quais trabalhei, recordei do primeiro painel que me arrebatou, que me fez chorar dentro de uma galeria, acho que naquele momento eu senti o poder da arte. Foram alguns anos dedicando horas de trabalho e criação para tornar as galerias de arte lugares comuns, aconchegantes e receptivos mesmo quando muitos grupos diziam nunca ter entrado num museu.

Como foi possível observar ao longo do artigo, os museus são espaços de potência e devem ser utilizados como lugares de fazer educação e por isso nós, pedagogas e pedagogos, devemos estar dentro deles. A arte deve ser parte da educação e deve se propor a transformar sujeitos, potencializar seu senso crítico e criativo, ela deve ser lugar de ação e reação.

Nesse sentido, a educação em museus contribui para as relações entre os seres humanos e o mundo não apenas no espaço físico, mas também na esfera histórica e cultural e, justamente por isso, o indivíduo não só faz a história

como conta o fazer mútuo dela (FREIRE, 2003). As práticas educativas são primazes para a transformação da sociedade e só a partir das muitas formas de se educar que será possível ampliar os saberes que estão presentes nas mais diversas formas de aprender e ensinar.

### Referências Bibliográficas:

ASENCIO, M; POL, E. Aprender en el museo. **Íber-Didática de las Ciências Sociais, Geografia e História**, n. 36, ano IX, abril. Barcelona: Ed. Graao, 2013.

CASTRO, F. S. R. (2013). *“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CHAGAS, M. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 13. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.

CHAGAS, M. Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 1, p. 135-146, 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 10a ed., 2003.

KRAMER, S. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museus. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas. São Paulo: Papirus, 1998.

LEITE, M. I. Museu de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas. São Paulo: Papirus, 2012.

LEITE, M. I.; REDDIG, A. B.. O lugar da infância nos museus. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, p. 32-41, 2007.

LIBÂNIO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MOURA, M. T. J. A. de. Escola e museu de arte: uma parceria possível para a formação artística e cultural das crianças. **Revista Teias** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, n. 11-12, s.p., ano: 6, jan/dez, 2005.

REIS, M. A. de S.; PINHEIRO, M. do R. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. **Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 1, p. 36-46, jan./jun., 2009.

SARAIVA, K. S. O. (2012). Saberes e práticas na educação não formal: os saberes mobilizados pelos mediadores do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILY, P. R. M. (2012). *Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)* (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

UNESCO. Reunião de especialistas na proteção e promoção de museus e coleções. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216865\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216865_por)

VALENTE, M. E. A Conquista do Caráter Público do Museu. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. (Orgs.). **Educação e Museu: A construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Acess, 2003.

VASCONCELLOS, M. das M. N. Educação em museus: qual é a especificidade e deste tempo? Qual é a importância de se respeitar de forma rigorosa suas especificidades?. **Ensino em Re-Vista** (Uberlândia), Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 29-42, jan./jun., 2013.